

VERIFICAÇÃO DO MODELO DE TRADUÇÃO DE HELOISA GONÇALVES BARBOSA NA TRADUÇÃO DA LINGUAGEM POPULAR DO ROMANCE *ESSA TERRA*, DE ANTÔNIO TORRES

Jacqueline Freitas Bezerra *

Resumo

O presente trabalho visa apresentar algumas observações a respeito da aplicabilidade do modelo de tradução elaborado por Heloisa Gonçalves Barbosa extraídas de uma pesquisa realizada para elaboração de dissertação de Mestrado. A nossa análise consistiu em identificar os procedimentos empregados pelo tradutor do romance *Essa Terra*, Jacques Thiériot, levando em conta o sentido e o registro de língua de termos e expressões populares do referido romance. Constatamos que o modelo de tradução de Barbosa apresenta procedimentos operacionalizáveis, mas é limitado em certos aspectos.

Palavras-chave: Tradução; modelo; procedimentos.

Résumé

Ce travail a pour but de présenter quelques observations concernant l'applicabilité du modèle de traduction d'Heloisa Gonçalves Barbosa. Cette réflexion s'inscrit dans le cadre d'une recherche réalisée pour l'élaboration d'une dissertation de Maîtrise. Nous avons cherché à identifier les procédures employées par le traducteur du roman *Essa Terra*, Jacques Thiériot, concernant le sens et le registre de langue des termes et expressions populaires de ce roman. Notre recherche nous a permis d'observer que ce modèle présente des techniques efficaces, mais qu'il est limité sous plusieurs aspects.

Mots-clé: Traduction; modèle; procédures.

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa realizada para elaboração de dissertação de Mestrado que teve como objetivos: 1. Analisar a tradução da linguagem popular do romance *Essa Terra* tanto do ponto de vista semântico quanto do ponto de vista do registro de língua; 2. Observar, utilizando o modelo de Heloisa Gonçalves Barbosa, quais os procedimentos empregados por Jacques Thiériot na tradução da linguagem popular de *Essa Terra* e 3. Verificar a aplicabilidade desse modelo na tradução dos termos e expressões populares do referido romance. Teceremos, portanto, aqui, algumas considerações relacionadas com o terceiro objetivo da nossa pesquisa.

No nosso trabalho, foi elaborada uma revisão do modelo de Barbosa no qual a autora elenca treze procedimentos técnicos: a *tradução palavra-por-palavra*, a *tradução literal*, a *transposição*, a *modulação*, a *equivalência*, a *omissão vs. a explicitação*, a *compensação*, a *reconstrução de períodos*, as *melhorias*, a *transferência* (que abrange o *estranheirismo*, a *transliteração*, a *aclimação* e a *transferência com explicação*), a *explicação*, o *decalque* e a *adaptação*. Esses procedimentos foram definidos e exemplificados pela autora em seu livro *Procedimentos técnicos da tradução – uma nova proposta*.

Elaboramos um levantamento de 256 termos e expressões populares do romance *Essa Terra* e suas respectivas traduções. Em seguida, tomando como base o modelo de tradução de Barbosa, identificamos os procedimentos empregados pelo tradutor.

Durante o processo de identificação dos procedimentos utilizados no TT¹, deparamo-nos com algumas dificul-

* Professora do Departamento de Letras Estrangeiras da UFC, Mestre em Letras pela UECE e aluna do Doutorado na Universidade de Grenoble 3 - França.

¹ TT: Texto traduzido (texto de Thiériot)

TO: Texto original (texto de Torres)

TLT: Texto na língua de tradução (em geral)

TLO: Texto na língua original (em geral)

LT: Língua de tradução (em geral)

LO: Língua original (em geral)

LTT: Língua do texto traduzido (francês)

LTO: Língua do texto original (português)

dades. Uma delas foi que, embora raros, alguns casos analisados não se enquadravam perfeitamente em nenhum procedimento do modelo de Barbosa. Outro problema foi que a diferença entre alguns procedimentos não era muito clara, podendo, na prática, gerar dúvidas e diversas interpretações. Além disso, as definições dos procedimentos tradutórios e os exemplos apresentados por Barbosa não eram suficientemente claros e eficazes para que afirmássemos sempre com segurança quando se tratava de um ou outro procedimento. Muitas dúvidas ocorreram nessa fase da pesquisa e constatamos que o trabalho de identificação dos procedimentos é muito complexo e passível de discussões.

Algumas de nossas constatações sobre o modelo de Barbosa encontraram respaldo em outros modelos de tradução. Destacamos o modelo elaborado por Francis Aubert² que apresenta divergências em relação ao modelo da autora e pôde esclarecer alguns pontos das nossas observações. Decidimos mencionar o modelo de Aubert na nossa pesquisa no intuito de enriquecer o nosso trabalho, pois suas observações nos parecem bastante coerentes e permitiram corroborar algumas de nossas afirmações.

O trabalho de identificação dos procedimentos encontrados na tradução de termos e expressões populares do romance *Essa Terra* nos permitiu fazer várias reflexões que nos parecem pertinentes acerca do modelo de tradução de Barbosa. Vejamos, portanto, as nossas considerações que estão divididas em três partes.

I INADEQUAÇÕES TERMINOLÓGICAS

1. Um dos procedimentos mais frequentes foi a *equivalência*, com 141 ocorrências, de onde pudemos inferir que, em geral, as expressões populares não podem ser traduzidas literalmente. O tradutor utilizou a *equivalência* na maioria dos casos em que a *tradução literal* não era possível. Alguns exemplos que detectamos como *equivalência*, somente o eram dentro do contexto em que estavam inseridos. Portanto, alguns termos e expressões, da maneira como foram traduzidos, poderiam não fazer sentido em outro contexto ou isoladamente. Um dos exemplos de *equivalência* encontrados no nosso *corpus* foi *cabra ruim* traduzido por *ordure*.

No modelo de Aubert, a *equivalência* foi suprimida e substituída pela *modulação*. Aubert funde os dois procedimentos em um só, pois acredita que a diferença entre eles no modelo de Vinay e Darbelnet não é clara e que seria difícil delimitar com exatidão, na prática, quando se trata de um ou de outro procedimento. Assim, se analisados à luz do modelo de Aubert, todos os casos de *equivalência* encontrados na nossa pesquisa seriam *modulação*, o que teria facilitado o nosso trabalho de identificação, já que alguns casos de *equivalência* e *modulação* do nosso *corpus* gera-

ram dúvidas. Como Aubert, Barbosa divide a *modulação* em *obrigatória* e *facultativa*. Os casos de *modulação* encontrados no nosso *corpus* foram, em sua maioria, de *modulação obrigatória*, isto é, ocorreram por imposição do uso da LTT, como no seguinte exemplo: *filho de uma boa mãe* traduzido por *enfant de putain*.

A definição de *equivalência* apresentada por Barbosa parece-nos efetivamente muito imprecisa, pois explica apenas que, quando o segmento de texto não é traduzido literalmente, será um caso de *equivalência*, desde que esteja semanticamente coerente com o TLO. Constatamos que outros procedimentos como a *transposição*, a *modulação*, a *reconstrução de períodos* e a *explicação* poderiam ser definidos da mesma maneira. Portanto, levando em conta apenas a definição de Barbosa, poderíamos dizer que o que diferencia esses procedimentos da *equivalência* são algumas particularidades que eles apresentam, logo poderiam ser considerados subcategorias da *equivalência*. O próprio termo “*equivalência*” é vago, pois toda expressão do TLT que apresenta o mesmo sentido da expressão do TLO não lhe é equivalente? Enfim, muitas vezes, somente através dos exemplos apresentados por Barbosa, e não de sua definição, conseguimos entender em que consiste realmente o procedimento.

2. A *tradução palavra-por-palavra* ocorreu em maior número quando o segmento analisado era apenas uma palavra e muito raramente na tradução de segmentos de texto maiores. Confirmamos, então, o que diz Barbosa a respeito desse procedimento, que, apesar de corresponder à idéia que geralmente temos de tradução, é muito restrito na prática, sobretudo em se tratando de segmentos de texto com mais de uma palavra, mesmo quando os idiomas envolvidos na tradução apresentam grandes convergências lingüísticas, pois dificilmente as línguas apresentam uma proximidade tão grande. As estruturas sintáticas variam de uma língua para outra e nem sempre para cada termo de uma língua existe um correspondente semântico idêntico em outra. Quando isso ocorre é, geralmente, em pequeno segmento de texto, o que pudemos confirmar pelo baixo número do emprego desse procedimento na tradução de expressões de mais de uma palavra. Inferimos que, quanto menor for a convergência lingüística entre a LO e a LT, menor será o número de ocorrências de *tradução palavra-por-palavra*.

Verificamos que Aubert, a exemplo de Vinay e Darbelnet e Vázquez-Ayora, elimina no seu modelo de tradução a diferença entre *tradução literal* e *tradução palavra-por-palavra*, o que nos parece bastante sensato e prático, pois a diferença entre os dois procedimentos no modelo de Barbosa é irrelevante. Os autores fundem os dois procedimentos em um só e o denominam *tradução literal*.

3. Para Aubert, a *omissão* ocorre quando há perda de informação no TLT ou de passagem da informação para o

² Descrição e quantificação de dados em tradutologia. In: *Tradução & Comunicação*. São Paulo: Álamo, n. 4, 1984, p. 71 a 82.

nível implícito ou contextual, e não quando há simples omissão de unidades lexicais, e o *acrécimo*, quando há informação suplementar no TLT, isto é, informação que não foi mencionada no TLO. Para Barbosa, a *omissão* ocorre no TLT para evitar repetições desnecessárias apenas de elementos lingüísticos explícitos no TLO, não se tratando, portanto, de perda de informação. A *omissão*, como é definida por Barbosa, é chamada de *implicação* no modelo de Aubert, pois consiste em eliminar redundâncias textual ou cultural, sem perda de informação.

4. A *explicitação*, no modelo de Barbosa, é o procedimento oposto à *omissão*, isto é, empregado para evitar certas ambigüidades. É evidente que as ambigüidades presentes no TLO e eliminadas no TLT devem ser apenas as não intencionais, caso contrário, devem ser mantidas. Para explicar a *omissão* e a *explicitação*, Barbosa dá o exemplo dos pronomes pessoais na tradução do português para o inglês e vice-versa. Verificamos que essa operação já é levada em conta na *tradução literal*, que admite certas omissões ou acréscimos lexicais. Por essa razão, na prática, a identificação da *explicitação* e da *omissão* se torna, muitas vezes, confusa.

Como na tradução do português para o inglês, observação já feita por Barbosa (1990:68), na tradução do português para o francês ocorre o mesmo processo de explicitação dos pronomes pessoais. Esse aspecto é previsível, visto que na língua francesa, a presença de forma explícita dos pronomes pessoais sujeitos é muito mais freqüente do que na língua portuguesa. As desinências verbais na língua vernácula já sugerem a presença dos pronomes pessoais que, em geral, são omitidos por estarem subentendidos.

A *explicitação* que aparece no modelo de Aubert também ocorre para evitar ambigüidades, mas consiste em substituir segmentos de texto por notas de rodapé, aposto explicativo ou definição, portanto o inverso da *implicação* por ele definida. Nesse caso, a *explicitação* do modelo de Aubert é descrita por Barbosa com a denominação de *explicação*. O autor funde os dois procedimentos em um só, o que consideramos coerente, pois a *explicação* no modelo de Barbosa já é uma forma de *explicitação*. Assim, Barbosa poderia considerar a *explicação* uma subcategoria da *explicitação*, e não um novo procedimento.

5. Alguns exemplos encontrados na nossa pesquisa mostraram uma pequena alteração de sentido do termo ou da expressão no TT, tendo sido a idéia transmitida ora de forma mais ampla, ora mais restrita ou simplesmente diferente. Por não se tratar de mudança significativa de sentido, já que o conteúdo da mensagem havia sido respeitado pelo tradutor através do contexto, os casos de pequena alteração semântica foram apenas comentados na nossa análise, mas não foram considerados tradução inadequada. Não encontramos, no modelo de Barbosa, subsídios que nos permitissem destacar esses exemplos. Encontramos, porém, observações a esse respeito no modelo de tradução de Vazquez-Ayora (1996:56), que leva em conta os casos em que há

maior densidade semântica no TLT, atribuindo para eles o nome de *amplificação*.

6. Foram raros os casos de tradução inadequada encontrados no nosso *corpus*, isto é, exemplos que apresentassem informações equivocadamente interpretadas pelo tradutor. Em um universo de 256 termos e expressões analisados, apenas 8 foram de tradução inadequada, o que mostrou que o tradutor, além do profundo conhecimento da LTT, possui também um largo conhecimento da LTO.

Os casos de tradução inadequada não foram inseridos no quadro em que destacamos o número de ocorrências dos procedimentos, pois não o consideramos como tal. Por ser involuntário, o “erro” não poderia constituir um procedimento tradutório. Para Barbosa, os procedimentos são técnicas das quais o tradutor dispõe ao exercer a sua atividade, não apenas uma mera listagem das dificuldades do processo tradutório. Constituem “um elenco abrangente de possíveis modos de proceder à disposição do tradutor, que os selecionaria de acordo com uma visão ampla (um modelo) daquilo que vem a ser uma tradução” (Barbosa, 1990:107). O seu modelo foi elaborado com o intuito de responder à pergunta “como traduzir?”. A autora se baseia no momento em que a tradução é elaborada, não no seu resultado. Partindo desse princípio, Barbosa, efetivamente, não poderia inserir o erro no seu modelo.

7. Diferentemente de Barbosa, Aubert (1984:73) analisa a tradução, não no momento de sua elaboração, mas enquanto produto acabado e descreve os procedimentos a partir de cotejamentos entre traduções e seus originais. Por essa razão, ele prefere chamar os procedimentos de *modalidades tradutórias* e considera o *erro* uma delas. Acreditamos, porém, que, embora o tradutor possa cometê-lo, o erro não é nem um procedimento nem uma modalidade de tradução. Trata-se de um equívoco cometido involuntariamente pelo tradutor e deve ser analisado à parte. Sobre isso, Aubert esclarece que o termo *modalidade* não designa necessariamente o produto de uma reflexão ou escolha consciente do tradutor. O autor acredita que muitos recursos empregados automaticamente na tradução passam despercebidos pelo tradutor e pelo leitor do TLT, mas podem ser observados cientificamente.

Aubert descreve dois tipos de erro: o de emprego de modalidade inadequada e o erro de interpretação do tradutor. O autor ressalta a necessidade de se emitir, nas análises das traduções, um juízo valorativo e prudência na manipulação do conceito de erro, o que nos parece efetivamente importante.

Portanto, além das divergências terminológicas entre os modelos de tradução de Barbosa e Aubert, há também procedimentos presentes no modelo de Aubert que não estão inseridos no modelo de Barbosa e vice-versa. Assim, em se tratando das divergências entre os dois modelos, destacamos alguns exemplos no quadro a seguir.

ALGUMAS DIVERGÊNCIAS ENTRE O MODELO DE TRADUÇÃO DE BARBOSA E O DE AUBERT

<u>BARBOSA</u>	<u>AUBERT</u>
Procedimentos _____	Modalidades _____
Equivalência / Modulação _____	Modulação _____
Tradução palavra-por-palavra / _____	
Tradução literal _____	Tradução literal _____
Omissão _____	Implicitação _____
Explicitação / Explicação _____	Explicitação _____
∅ _____	Acréscimo _____
∅ _____	Omissão _____
Melhorias _____	Correção _____
∅ _____	Erro _____
Compensação _____	∅ _____

II PROCEDIMENTOS DE MENOR FREQUÊNCIA

1. Na nossa pesquisa, constatamos que alguns procedimentos não foram muito freqüentes, entre eles está a *transposição*. A grande maioria dos casos de *transposição* era de *transposição obrigatória* e não *facultativa*, pois o tradutor se via obrigado a utilizar expressões cujos elementos lingüísticos apresentavam categorias gramaticais diferentes daqueles empregados nas expressões do TO. Podemos ilustrar como exemplo o segmento de texto *atrás dela* traduzido por *à sa recherche*. Foram raros os casos de *transposição facultativa*, isto é, empregada por razões puramente estilísticas.

2. Apesar de muitos teóricos acharem que a *tradução literal* constitui a fonte dos maiores erros de tradução, ela foi empregada coerentemente no TT em determinados segmentos de texto. Jacques Thiériot optou por esse procedimento sempre que possível, sem tornar incoerente o sentido presente no TO ou artificial a estrutura da LTT. O número não muito elevado de casos de *tradução literal* no nosso *corpus* explica-se pelo fato de termos trabalhado com palavras e expressões populares, que, em geral, não podem ser traduzidos literalmente.

3. Foram raros os casos de *omissão*, *reconstrução de períodos*, *estrangeirismos*, *estrangeirismos com explicação*, *aclimatação*, *explicação* e *adaptação*.

Os *estrangeirismos* constituem um dos fatores responsáveis pela manutenção da cor local do TLO, pois causam uma certa estranheza ao leitor do TLT. Na nossa opinião, aparecem geralmente com mais freqüência quando a tradução se faz entre línguas com grandes divergências da realidade extralingüística (clima, geografia, costumes, etc.). Alguns dos exemplos encontrados no TT foram: *cachaça*, *caboco*, *terreiro* e outros que não analisamos, como determinados nomes de plantas – *macambira*, *mulungu*, *serra-goela*, etc. O tradutor apresentou uma nota de rodapé para explicar alguns deles.

Diante de um *estrangeirismo*, o efeito experimentado pelo leitor do TLT, acostumado com a sua realidade extralingüística, é diferente daquele que experimenta o leitor do TLO, o que não invalida o emprego desse procedimento. Se para alguns teóricos, como Vinay e Darbelnet, o *estrangeirismo* é considerado a negação da tradução porque transcreve o termo exatamente como ele aparece no TLO, para outros, como Barbosa, é simplesmente uma consequência da divergência extralingüística entre LO e LT. A autora discorda de Vinay e Darbelnet quando eles afirmam que o *estrangeirismo* é o procedimento mais fácil, pois, para ela, o tradutor precisa fazer uma análise diacrônica antes de aplicá-lo.

4. Os topônimos *Junco*, *São Paulo*, *Alagoinhas*, *Inhambupe*, entre outros, foram conservados tal como aparecem no TO, bem como os antropônimos *Totonhim*, *Nelo*, *Alcino*, *Pedro Infante* e sobretudo aqueles que representam personagens reais da cultura da LTO, como *Lampeão* e *Antônio Conselheiro*. A preservação dos nomes próprios é uma maneira de manter a cor local do TLO e, na tradução literária, deixa transparecer um aspecto da cultura estrangeira. O nome *Caetano Jabá* também foi mantido tal como estava no TO, mas foi explicado em nota de rodapé por apresentar um sentido específico.

Alguns antropônimos foram adaptados à fonologia e à estrutura morfológica da LTT. Temos os exemplos de *Zé do pistão*, traduzido por *Zé-Piston*, *Jeremias* por *Jérémiás*, *Zóia* por *Zoia*. Estes não são casos de *aclimatação* porque esses nomes não são *estrangeirismos*. O nome *Zé da Botica* foi transformado em *Zé le Pharmaco* no TT, por apresentar uma significação específica no TO – o dono da farmácia.

5. A *explicação* em forma de nota de rodapé, diferentemente do que prevê Barbosa, não ocorreu apenas para explicar um *estrangeirismo*. Thiériot valeu-se desse recurso ao realizar a *tradução literal* em “meu corpo está fechado” (Torres, 1986:39) e “mulas-de-padre” (Torres, 1986:67), por exemplo.

6. No *corpus* analisado, apenas alguns exemplos de *adaptação* foram identificados, o que pode nos levar a pensar que: 1) não há divergências muito grandes entre a realidade extralingüística da LTO e a da LTT, hipótese que não podemos confirmar porque nossa pesquisa não nos fornecia dados suficientes para fazê-lo; 2) o tradutor preferiu, em

alguns exemplos, a *explicação* diluída no texto ou o *estrangueirismo* com ou sem explicação, nesse caso, mantendo a cor local do TO. São exemplos de *adaptação* encontrados no nosso *corpus*: *forró* traduzido por *bal*, *pau-de-arara* por *camion à ridelles*, *cachaça* por *gnôle*, entre outros.

De maneira geral, ao utilizar a *adaptação*, o tradutor não distancia o leitor da LT de sua realidade, mas sim da realidade extralingüística dos falantes da LO. Acreditamos que, em alguns casos, a *adaptação* não nos leva propriamente a uma tradução, posto que o aspecto cultural da LO é negligenciado. Admitimos, entretanto, que, dependendo do tipo de texto e da finalidade da tradução, esse procedimento seja, às vezes, até aconselhável.

7. Alguns termos ou expressões que apareceram mais de uma vez no TO sem alteração de sentido foram traduzidos de diferentes maneiras. Essa variação na tradução ocorreu em função do contexto, que transmitia o sentido da mensagem mais claramente em alguns pontos do texto do que em outros. Em certos casos, porém, o tradutor decidiu variar o termo ou a expressão por uma questão de estilo ou de coerência com o segmento de texto do TT, o que é justificável quando a repetição dos termos ou expressões do TO não apresenta intenção particular por parte do autor, podendo ser negligenciada.

O contexto em que os elementos lingüísticos estão inseridos é outro aspecto importante na tradução, pois constitui uma arma fundamental para o tradutor. Muitas vezes, um determinado termo ou expressão do TLT não equivaleria semanticamente ao do TLO se analisado isoladamente, mas, através do contexto, o leitor poderá inferir o sentido da mensagem. Devemos ressaltar que o contexto depende do texto por inteiro, por isso não se pode pensar em tradução dos termos isoladamente. Muitas vezes, as inferências são feitas a partir de elementos que foram mencionados em outras partes, anteriores ou posteriores, do TLO.

8. Nenhum caso de *decalque*, *transliteração* ou *melhorias* foi identificado no nosso *corpus*. O que Barbosa chama de *melhorias* são as correções que o tradutor faz dos erros (informações equivocadas, ortografia incorreta, etc.) presentes no TLO. Por essa razão, esse procedimento é descrito por Aubert com o nome de *correção*. Acreditamos que o seu emprego é raro em determinados textos, sobretudo aqueles de reconhecido valor literário, como é o caso do romance *Essa Terra*. A *transliteração* normalmente não ocorre entre a LTO e a LTT, já que ambas apresentam o mesmo alfabeto.

9. Algumas vezes, mais de um procedimento ocorreu na tradução do mesmo segmento de texto. Os autores de modelos, em geral, prevêem essa possibilidade, o que Aubert chama de *modalidade híbrida*, e o que é admitido também por Vinay e Darbelnet e Barbosa.

Pudemos verificar, entretanto, que alguns procedimentos não podem ocorrer simultaneamente no mesmo segmento de texto, pois a presença de um implica a ausência do

outro. É o caso, por exemplo, da *tradução literal* com a *tradução palavra-por-palavra*, da *tradução palavra-por-palavra* com a *transposição*, da *tradução literal* com a *reconstrução de períodos*, entre outras combinações. Alguns, ao contrário, podem co-ocorrer freqüentemente com outros, como é o caso, por exemplo, da *transposição*, da *explicitação* e da *omissão*. Por essa razão, Vázquez-Ayora considera os dois últimos como procedimentos complementares.

10. Com exceção do *decalque*, da *transliteração* e das *melhorias*, todos os demais procedimentos descritos por Barbosa apareceram na tradução de *Essa Terra*, o que prova que o seu modelo apresenta um elenco bastante razoável de procedimentos que são efetivamente empregados na prática, e mostra o que de fato ocorre na tradução, mas como todo modelo teórico que tenta simplificar uma atividade complexa como é a tradução apresenta falhas e limitações.

11. Embora raros, houve alguns exemplos que não se enquadravam em nenhum procedimento definido por Barbosa, o que nos mostra que o seu modelo, apesar de abrangente, não engloba todos os recursos que podem ser utilizados na tradução. Um desses recursos foi o emprego de letras maiúsculas, um artifício gráfico que o tradutor empregou para destacar uma expressão do TO: *Caboco setenta* (Torres, 1986:18) – *Sacré Caboco Septante* (Torres, trad. Thiériot, 1984:13). Outros foram a pontuação (ponto de exclamação e barras inclinadas) e a repetição de fonemas para recuperar o efeito musical de algumas frases, como em *la femme au foyer, ê! / et l'homme au boulot, ô! / C'est le sertão* (Torres, trad. Thiériot, 1984:27) que traduziu o segmento textual *Sertão de muié séria e de homi trabiadô ô* (Torres, 1986:27).

III OBSERVAÇÕES GERAIS SOBRE O MODELO DE BARBOSA

Após o trabalho de identificação dos procedimentos empregados na tradução do romance *Essa Terra*, pudemos perceber a grande quantidade de recursos que existem para se traduzir os termos e expressões populares. Um deles é a *compensação*, que nos parece muito importante sobretudo em se tratando de tradução literária. Observamos que um número elevado de termos e expressões analisados no nosso trabalho não apresentava um correspondente semântico que pertencesse ao mesmo registro de língua. Todavia, o registro de língua, efeito estilístico do TO, havia sido recuperado no TT por meio da *compensação*.

Como a equivalência de registros de língua é um aspecto muito relevante na tradução, sobretudo em se tratando de tradução literária, pudemos afirmar que a *compensação* foi um dos principais procedimentos utilizados pelo tradutor para manter o equilíbrio estilístico entre TLO e TLT. Alguns autores, como Aubert, deixam de descrever esse procedimento, mas ele reconhece que o seu modelo não é adequado para registrar os marcadores estilísticos.

Como afirma Barbosa (1990:69), é efetivamente a *compensação* que evita o “empobrecimento” do TLT e só pode ser observada em um segmento de relativa extensão ou, de preferência, em todo o texto. No tocante à tradução do romance *Essa Terra*, verificamos que o processo compensatório foi uma ferramenta fundamental do tradutor para manter um equilíbrio estilístico entre TO e TT. Portanto, a tradução é efetivamente um constante jogo de perda e ganho, já que o “empobrecimento” em alguns pontos do TLT pode ser compensado em outros.

Não foi detectado caso exorbitante de dialetos mal empregados pelos personagens ou outros exemplos flagrantes que pudessem descaracterizar a linguagem do TO. Onde não foi possível empregar termos ou expressões do *registro familiar*, o tradutor optou pelo emprego dos arcaísmos, mantendo, no TT, um certo tom rural ou utilizou uma linguagem comum, evitando assim um distanciamento exagerado entre os dialetos e valendo-se da *compensação* em vários pontos do texto.

Pudemos observar que as formas marcadas de ordem lexical do TO foram substituídas no TT por marcadores lexicais, sintáticos ou fonológicos, mantendo, assim, o registro de língua no TT. Isso mostra que cada língua possui, como marcadores de registro, formas lingüísticas diferentes e, por esse motivo também, dificilmente podem ser traduzidas palavra por palavra.

Em resumo, para que a tradução dos termos e expressões populares esteja coerente tanto no sentido quanto no registro, há duas possibilidades. A primeira seria quando sentido e registro são preservados no mesmo segmento de texto, e a segunda quando o sentido é mantido na tradução do segmento de texto e o registro recuperado posteriormente, em outro ponto do texto, por meio da *compensação*.

Enfim, a maioria dos recursos de que dispõe o tradutor está presente no modelo de tradução de Barbosa, o que não significa dizer que este, assim como os demais modelos, não apresente limitações, pois todos eles tentam teorizar uma atividade prática que envolve diversos aspectos.

Os modelos são uma descrição das técnicas de que dispõe o tradutor e não “receitas” preelaboradas para responder à pergunta “como traduzir?”. Ao chamar os procedimentos de *modalidades tradutórias*, Aubert elimina a conotação arbitrária que o modelo de Barbosa apresenta. Para ele, as *modalidades tradutórias* são, na realidade, recursos empregados espontaneamente pelo tradutor no momento em que exerce a sua atividade. Discordamos de Barbosa quando ela afirma que os procedimentos tradutórios seriam possíveis modos de proceder à disposição do tradutor. Em geral, os modelos surgem a partir do cotejamento de traduções já realizadas, e não o processo inverso, isto é, que os tradutores aplicam os procedimentos seguindo um modelo específico. Eles recorrem, de maneira espontânea, ao conjunto dos diversos procedimentos elencados em diferentes modelos, baseando-se em parâmetros dos próprios co-

nhecimentos, da experiência que adquiriram traduzindo e do objetivo da tradução, efetuando as operações lingüísticas naturalmente. Em geral, o tradutor tenta superar os problemas da tradução à medida que eles vão surgindo, levando em conta não apenas as operações puramente lingüísticas, mas também outros aspectos como a criatividade, requisito fundamental, principalmente do tradutor de texto literário. Por isso, muitos teóricos, ao se referirem à tradução, falam em recriação.

Acreditamos que os modelos de tradução são úteis, sobretudo para que não somente o tradutor, mas outros profissionais da tradução, professores e alunos tenham consciência das técnicas aplicadas durante o processo tradutório, mas não devem ser considerados “receitas” de tradução. Os modelos de tradução não abrangem todas as minúcias que envolvem o processo tradutório. Não há um modelo de tradução perfeito que dê conta de todas as nuances ou que ensine a traduzir por meio de uma fórmula milagrosa. Todos apresentam falhas e imprecisões, o que é admitido pela maioria dos estudiosos do assunto. Isso, entretanto, não anula a tentativa dos teóricos de descrever as técnicas de tradução. Evidentemente, descrever detalhadamente todos os recursos de que dispõe o tradutor constituiria um trabalho exaustivo ou até interminável. O que os teóricos tentam é mostrar, de forma abrangente, os mecanismos empregados na tradução. Provavelmente outros modelos de tradução ainda irão surgir a partir do cotejamento de traduções existentes e, certamente, reformulações serão feitas e novos procedimentos elencados.

Os modelos têm, portanto, funções práticas, sobretudo em se tratando de estudos de tradução; de formação de tradutores; de cursos em que se deseja planejar, praticar de forma mais consciente as técnicas tradutórias; de análise comparativa de línguas; da conscientização dos recursos que o tradutor utiliza, das suas diferentes posturas face ao TLO e das inúmeras possibilidades de se traduzir um mesmo texto. Conhecer instrumentos com os quais trabalha já é um grande passo para dar segurança e autoconfiança a qualquer profissional. Por isso, o tradutor poderá até não se valer conscientemente dos modelos de tradução, mas a prática aliada à teoria pode facilitar o seu trabalho ou pelo menos fazê-lo entender melhor as operações lingüísticas com as quais lida.

Portanto, são várias as possibilidades de se traduzir o mesmo texto, já que para respeitar a mensagem do TLO, o estilo do autor e a língua para a qual se traduz e ao se deparar com as divergências lingüísticas e extralingüísticas entre LO e LT, vários fatores entram em jogo, como a maneira de o tradutor interpretar o texto, a sua visão do mundo, as suas preferências individuais, a sua criatividade, o objetivo da tradução, o público-alvo, etc. Além disso, a tradução não é um texto definitivo, depois de realizada poderá sofrer reformulações, melhorias ou ser atualizada.

Apesar de não termos nos proposto, na nossa pesquisa, a avaliar a qualidade da tradução nem a criatividade

de Thiériot, pudemos constatar que foram poucos os equívocos cometidos por ele no que se refere à tradução da linguagem popular. O tradutor de *Essa Terra* conseguiu ser fiel ao TO sem trair a LT, respeitando as particularidades que esta apresenta e driblando, na medida do possível, as divergências lingüísticas e extralingüísticas entre a LTO e a LTT. Além do profundo conhecimento da cultura e da estrutura lingüística das duas línguas envolvidas no processo tradutório, Jacques Thiériot pôde mostrar como o tradutor rompe as barreiras culturais e ultrapassa a fronteira do particular, penetra em outro universo lingüístico e extralingüístico sem, no entanto, dessacralizar o TO, mantendo a sua mensagem e o seu estilo.

Todavia, os problemas da tradução literária vão além da simples decodificação dos aspectos lingüísticos e extralingüísticos do TLO. O texto literário representa para o tradutor uma aventura que põe à prova o seu talento artístico. A qualidade da tradução de Thiériot, enquanto atividade de recriação, não pode ser avaliada tomando como base os modelos de tradução, pois os seus elaboradores não se propõem a isso, mas mereceria um estudo mais aprofundado

em pesquisas que considerassem a especificidade do texto literário, onde a margem de liberdade do tradutor é maior do que em textos técnicos ou científicos.

BIBLIOGRAFIA

- BARBOSA, Heloisa Gonçalves. (1990) *Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta*. Campinas: Pontes.
- GONÇALVES, José Luiz V. R. (1996) Vázquez-Ayora: introducción a la traductología. In: VIEIRA, Else (org.). *Teorizando e contextualizando a tradução*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, Curso de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos, p. 42-57.
- THIÉRIOT, Jacques. (1984) *Cette terre*. Paris: A. M. Métailié. Tradução de Essa terra.
- TORRES, Antônio. (1986) *Essa terra*. 7. 2ª. ed. São Paulo: Ática.
- VINAY, J.-P., DARBELNET, J. (1977) *Stylistique comparée du français et de l'anglais*. Paris: Didier, Érudition.